

## APRESENTAÇÃO

### PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Danillo da Conceição Pereira Silva<sup>1</sup>  
Iran Ferreira de Melo<sup>2</sup>  
*Organizadores*

*Nós temos que pensar o que é queer pra nós. Ele é esse inominável. Se eu tentar falar pra você, vou fixar. O queer é a dúvida, a incerteza, é uma atitude em relação ao próprio corpo, não identidade.*  
(Linn da Quebrada)

DOI: 10.26512/les.v21i2.35271

Enquanto a apresentação deste dossiê é escrita, apesar da intensificação das lógicas desiguais de distribuição da morte que caracterizam o Brasil atual, mergulhado no autoritarismo bolsonarista e na necropolítica intensificada pelos efeitos da pandemia de Covid-19, os ativismos das dissidências sexuais e de gênero parecem reaprender a esperar. Segundo a ANTRA, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, nas últimas eleições municipais, ocorridas em 15 de novembro, 25 pessoas travestis e transexuais foram eleitas, em 22 diferentes cidades do Brasil, para ocupar uma cadeira na

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL). Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedade (NUDeS/UFRJ). E-mail: danillosh@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutor em Linguística (USP). Coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer). E-mail: iranmelo@hotmail.com.

Câmara de Vereadores<sup>3</sup>. Isso exatamente no país em que, somente até outubro deste mesmo ano, matou 151 pessoas trans e segue como o líder mundial em assassinatos dessa população<sup>4</sup>.

A ambivalência do cenário brasileiro no que diz respeito à gestão das vidas de sujeitos que desafiam o caráter compulsório das normas de gênero e sexualidade nos diz que, apesar de tantos ataques que aprofundam lógicas de violência diversas, a exemplo da cruzada internacional antigênero da qual o Brasil está sendo vítima, o campo de batalha está aberto e em constante disputa. Sem dúvida, a linguagem, enquanto prática social performativa – que produz corpos, afetos, subjetividades, desejos, crenças, modos de existir no mundo –, é um desses espaços em que tais embates vão acontecer. Vejamos, por exemplo, o tom sexista e transfóbico das recentes disputas públicas (entre linguistas e não-linguistas) em torno dos ativismos linguísticos em favor de intervenções para a produção de linguagens inclusivas no português brasileiro.

A despeito de uma longa tradição do pensamento linguístico, pautado numa visão de linguagem que expurga questões sociais, ideológicas e políticas dos seus domínios explicativos e do escopo de interesses, o campo dos estudos da linguagem vem sendo, nas últimas décadas, perturbado por demandas há algumas décadas inimaginadas: feministas, *queer*, LGBT, negras, dentre outras formas de politização e questionamento das normatividades sociais vigentes e de suas estruturas de poder. Nesse contexto, especialmente a partir de 1970, com a publicação de *Language and Womans Place*, de Robin Lakoff, questões de gênero ascendem ao privilegiado espaço dos “interesses” da Linguística, uma linguística ainda tão branca, cisgênera, masculina, heterossexual e eurocentrada.

Passadas algumas décadas de intensos trabalhos da Linguística Feminista e de eventos sociopolíticos marcantes – a exemplo das lutas pelos direitos civis, pela liberação sexual, da política eugenista dos EUA na gestão da epidemia de HIV –, Anna Livia e Kira Hall publicam, em 1997, uma coletânea de textos de linguistas cujos trabalhos estavam sensivelmente afetados pelas demandas políticas e pelos posicionamentos epistemológicos dos movimentos e das teorias *queer*, baseados na contestação social das normalizações de gênero e sexualidade, de seus binarismos, essencialismos e formas de produção de hierarquizações, gerando formas de vida abjetas, ou seja, destituídas de seu traço reconhecível de humanidade, por não reproduzirem em suas existências semioticamente corporificadas modos idealizados de masculinidade/feminilidade, de branquitude, de heterossexualidade monogâmica e reprodutiva, ou mesmo por rejeitarem o bem comportado estilo de vida do homossexual patriótico, o *american gay of life*.

Assim, com a publicação de *Queerly Phrased* (1997) e de sua célebre introdução “It’s a Gril!” Bringing performativity back to Linguistics – traduzida para o português na coletânea

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://antrabrazil.org/eleicoes2020/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>4</sup> Idem.

*Linguagem, gênero e sexualidade*, organizada por Ana Osternamm e Beatriz Fontana (2010) –, se realiza uma virada nos estudos linguísticos engajados com questões de gênero e sexualidade. Afastando-se do campo dos Estudos Gays e Lésbicos que, grosso modo, buscavam descrever as especificidades dos usos linguísticos por sujeitos não-heterossexuais, a linguística é então afetada pelas Teorias *Queer* e seu intento antiassimilacionista, que, radicalmente influenciadas pelas produções intelectuais dos feminismos lésbicos e das filosofias da diferença, produzem uma crítica feroz às políticas de identidade (e sua ideia de diversidade) e buscavam evidenciar o caráter regulado, social e “artificial” de todas as formas de inscrição em ordens de gênero e desejo.

De lá para cá, muitas foram as transformações e muitos os impactos que as perspectivas *queer* produziram nas filosofias, nas antropologias, nas sociologias e num vasto campo das ciências humanas e sociais. Certamente a Linguística, primogênita do estruturalismo, tem sido a mais resistente dentre elas. À revelia disso, os estudos linguísticos têm sido continuamente interpelados sobre o papel da linguagem na questão das dissidências sexuais e de gênero. Nesse ponto, vale destacar o trabalho pioneiro da Linguística Aplicada Indisciplinar na paulatina tradução teórica e política das problematizações *queer* para o campo dos estudos da linguagem no Brasil. Após anos de trabalhos e mudanças sociais a fio, têm se proliferado contribuições teórico-analíticas de pesquisas sobre gênero social e corpos subalternizados que partem de modos de ver a linguagem e as identidades não-essencialistas. Essas contribuições têm sido pertinentes para pensarmos a necessidade de, cada vez mais, linguistas se dedicarem a compreender a relação entre o discurso e a maneira como as pessoas produzem sentidos múltiplos e, às vezes, conflitantes para dimensões decisivas da vida social, tais como de gênero e sexualidade, articulados interseccionalmente a outros marcadores da diferença no interior de sistemas altamente normatizados.

Nessa caminhada histórica de produzir fricções no amálgama purista dos modelos de cientificidade das Linguísticas, temos o prazer de, em nome da *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, apresentar o dossiê **Perspectivas queer nos estudos da linguagem**, o qual reúne trabalhos que abordam a urgência de uma visada indisciplinar de investigação sobre os modos como operações de linguagem têm papel central na construção de normatividades violentas e de performances de subjetividades insubmissas, politicamente engajadas com a desconstrução de processos socioculturais que marginalizam certos corpos. Assim, os trabalhos aqui reunidos partem de uma mirada *queer* sobre a linguagem e suas implicações em regimes cis-heterocentros, brancocêntricos e coloniais. São, em geral, trabalhos situados no campo aplicado dos estudos da linguagem e, especificamente, da Linguística *Queer*, cuja afinidade se encontra na investigação crítica sobre o modo como diferentes recursos linguísticos, discursivos e semióticos constituem os traços de sentido que promovem a

abjeção e a potência dos corpos marginalizados, sobretudo quando interpelados por normatividades de gênero social calcadas em binarismos.

Com esta reunião de estudos, de natureza inédita num periódico brasileiro, público, de acesso gratuito e em língua portuguesa, produzimos, política e epistemologicamente, um gesto performativo no sentido de demarcar as ausências da/na Linguística no que tange à sua responsividade política sobre o papel do discurso no engendramento de sentidos para gênero e sexualidade desde perspectivas antiassimilacionistas e *transviadas*, como sugere Berenice Bento. Interessa-nos, ainda, problematizar a posição política de linguistas sobre o assunto, formulando, assim, questões que, embora digam respeito diretamente aos usos da linguagem, são negligenciadas pela pauta tradicional dos estudos linguísticos, ainda muito tributária de universalizações coloniais racistas, masculinistas e cis-heterossexistas.

No compósito de textos para este dossiê, já os primeiros artigos apresentam dados relevantes para imaginarmos possibilidades de novos paradigmas para os estudos da linguagem em interface com epistemologias *queer* do contemporâneo. O texto escrito por Danillo da Conceição Pereira da Silva, intitulado **Materialização discursiva da cis-heteronormatividade em perspectiva escalar: contribuições para a Linguística Queer**, parte de perspectivas pragmáticas e semióticas dos processos de significação, bem como de epistemologias transfeministas, para compreender de que modo macronormas sociais, a exemplo da cis-heteronormatividade, se materializam em interações situadas a partir do emprego local de recursos semióticos. Para isso, praticando uma etnografia da escala, o autor analisa interações *online* que disputam sentidos sobre autenticidade de gênero, masculinidade e paternidade. Já o artigo **Passabilidade e visibilidade de LGBTQ+ na imprensa do Brasil**, de Iran Ferreira de Melo, apresenta os resultados de uma pesquisa que observa a Parada do Orgulho LGBTQ de São Paulo e seus atores, principalmente pessoas LGBTQ+, como objeto de uma organização semiótica que tensiona as representações e passabilidades do evento e das pessoas que dele participam.

Na sequência, apresentamos o artigo **Camionneuses s'abstenir: a construção de uma comunidade lésbica através de anúncios pessoais**, escrito por Anna Livia, uma das pioneiras na Linguística *Queer*, traduzido por Elizabeth Sara Lewis. O texto discute a reivindicação de perfis eróticos para relacionamento amoroso numa revista dirigida ao público lésbico. Esse trabalho, que dialoga com investigações atuais sobre *apps* de pegação, examina como certas apreciações sobre valores de gênero e sexualidade podem promover hierarquizações no interior da comunidade de prática de mulheres lésbicas. Ainda de Elizabeth Sara Lewis, outro texto, intitulado **Por uma Linguística Cu(-ir)**, compõe esta organização, com o objetivo de descrever alguns postulados de um estudo da linguagem que se compreende como *queer*, apresentando, para tanto, alguns resultados de

diferentes pesquisas, nas quais investiga os efeitos de subjetivação e desestabilização identitária produzidos pela prática de *pegging* e do uso do dildo em relações sexuais por mulheres bissexuais e homens heterossexuais.

Já no artigo escrito em coautoria entre Luiz Paulo da Moita Lopes e Branca Falabella Fabrício, denominado **Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer**, debate-se a produção de conhecimento na área da Linguística Aplicada Indisciplinar e sua relação com as teorias queer, pensando no processo de queerificação do olhar sobre a linguagem a partir de experiências de investigações brasileiras. Conversando com esse artigo, encontra-se o de Rodrigo Borba, **Falantxs transviadx: Linguística Queer e performatividades monstruosas**, que examina o conceito de falantxs transviadx no contexto do português brasileiro e, a partir dos fenômenos da indexicalidade e da corporificação, e em uma pesquisa etnográfica, busca entender como se desmantelam os valores de gênero nas performances dissidentes de linguagem.

De Glenda Cristina Valim de Melo, Paulo Melgaço Silva Júnior e Anderson Andrade da Silva Marques, o texto **Discursos sobre raça: quando as teorias queer nos ajudam a interrogar a norma** analisa, em diálogo com uma visada *queer*, dois vídeos que colocam a branquitude como o centro, contestando sua supremacia e os efeitos causados por ela – a branquitude – nas outras racializações não-hegemônicas. Em interlocução com esse estudo, destacamos a entrevista com a pesquisadora Kassandra Muniz, concedida a Danillo da Conceição Pereira Silva e a Iran Ferreira de Melo, organizadores deste dossiê, intitulada **Linguagem, antirracismos e questões queer no Brasil: conversa com Kassandra Muniz**. A entrevista aborda, grosso modo, o diálogo entre perspectivas não-essencialistas de linguagem que se localizam no campo dos estudos decoloniais, antirracistas e *queer* no Brasil, observando as suas diversas potências.

O tema da decolonialidade também é explorado no texto **Modos queer de pesquisar e a questão racial: conjugando epistemologias feministas, interseccionalidade e decolonialidade**, de Thais Regina Santos Borges, no qual a autora reflete sobre a produção de saberes sobre a linguagem engajados com princípios de justiça social, debatendo um fazer acadêmico queer em um paradigma interseccional e decolonial. Além disso, nessa seara ainda, Viviane Vergueiro desenvolve o estudo **Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade: a identidade de gênero como categoria analítica**, compartilhando considerações sobre a categoria analítica identidade de gênero a partir de marcos transfeministas, numa abordagem decolonial e sob caminhos metodológicos autoetnográficos.

Já no texto **Retórica antigênero e ordem pública: a cruzada das crianças**, Pablo Pérez Navarro analisa a retórica censora vinculada à marginalização dos corpos num processo que envolve a Secretaria de Ordem Pública do Rio de Janeiro como uma tentativa de disciplinamento de um espaço

da coabitação. Sob um exame da vigilância moral, Navarro observa como o discurso sobre ordem pública é um trabalho somatopolítico de vulnerabilização dos corpos.

E, para finalizar a coletânea, ainda expomos duas resenhas. A primeira é escrita por Glauco Damiano Souza da Silva acerca da obra **Queering masculinities in language and culture** (2017), editado por Paul Baker e Giuseppe Balirano, uma coletânea de doze artigos que tematizam visões distintas sobre masculinidades, numa perspectiva antinormativa e no interior de estudos sobre linguagem e interculturalidade. Por sua vez, Raquel de Almeida Rodrigues elabora uma resenha sobre o livro **Feeling it: Language, Race, and Affect in Latinx Youth Learning** (2018), editado por Mary Bucholtz, Dolores Inés e Jin Sook Lee. Em seu texto, Rodrigues aponta como a obra revela de que maneira um projeto político de justiça educacional pode combater o racismo por meio de questionamentos sobre os limites das identidades e de suas normalizações.

Enfim, sejam todxs bem-vindxs ao dossiê **Perspectivas queer nos estudos da linguagem!**